



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR**

MARIA JOANA OLIVEIRA DE AQUINO

Ausência da família na escola: as implicações no desempenho da prática docente em uma classe multisseriada de uma escola de ensino fundamental do Município de Mojú.

ABAETETUBA-PARÁ

2018

MARIA JOANA OLIVEIRA DE AQUINO

Ausência da família na escola: as implicações no desempenho da prática docente em uma classe multisseriada de uma escola de ensino fundamental do Município de Mojú.

Trabalho acadêmico de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais - FAECS da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR, sob a orientação do Professor Esp. José Nazareno F. Silva.

ABAETETUBA-PARÁ

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

A657a Aquino, Maria Joana Oliveira de.
Ausência da família na escola: : as implicações no desempenho da prática docente em uma classe multisseriada de uma escola de ensino fundamental do município de Mojú / Maria Joana Oliveira de Aquino. — 2018.
33 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Esp. José Nazareno Figueiredo E Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memorial. 2. Família. 3. Educação ribeirinha. 4. Formação docente. I. Título.

CDD 370

MARIA JOANA OLIVEIRA DE AQUINO

Ausência da família na escola: as implicações no desempenho da prática docente em uma classe multisseriada de uma escola de ensino fundamental do Município de Mojú.

Trabalho acadêmico de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais - FAECS da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR.

Orientador: Professor Esp. José Nazareno F. Silva.

Data de Aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Orientador
Professor Esp. José Nazareno Figueiredo e Silva.
Universidade Federal do Pará

Profª Esp. Alana Lillian da Silva
Universidade Federal do Pará

Profª Esp. Lucicleide Vieira de Sousa
Universidade Federal do Pará

DEDICATÓRIA

Dedico este Memorial a Deus, por ter me dado sabedoria e força para vencer mais uma etapa de minha vida. A minha família, e especialmente ao meu esposo, que me deu força e incentivo para persistir até o fim, e a todos que contribuíram com meu sucesso. E a todas as pessoas que acreditaram em minha capacidade.

EPÍGRAFE

“Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se.”

(Ernani Maria Fiori)

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, por me iluminar nos momentos difíceis que passei durante essa trajetória, sempre me direcionando o melhor caminho.

Aos meus pais, Sebastião de Aquino e Maria Oliveira de Aquino, que me incentivaram e educaram no propósito de vencer todas as batalhas da vida.

As minhas filhas, Madalena de Aquino, Laura de Aquino e Tatiana de Aquino e meus filhos, Henrique Aquino e Jonata Aquino pelos incentivos que davam em concluir meus estudos acadêmicos.

Às colegas da turma, em especial a equipe de trabalho composta por Diana Cruz, Ediane Gonçalves, José Santos, Rosiel Moraes e Rosival Maciel, que sempre estiveram ao meu lado durante toda a trajetória acadêmica compartilhando o conhecimento.

Às pessoas da comunidade Nossa Senhora de Fátima – Alto Moju, pela colaboração esforço e incentivo a mim dedicado em busca de uma formação de qualidade.

E a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente com meu trabalho, pois não se constrói um trabalho sozinho.

RESUMO

Ao elaborar o presente memorial levei em conta a crítica e a autocrítica acadêmica que em consonância com minha trajetória de vida terá como segmento uma sequência cronológica com o ponto de partida meu nascimento, adolescência, destacando as experiências acadêmicas e profissionais. Entrelaçado a esta linha temporal, o relato deste memorial tem como objetivo abordar os impactos causados pela ausência da família na escola e os fatores que a levam a caminhar em muitos casos, sozinha em sua proposta de trabalho educacional, pontuando fatos do cotidiano ribeirinho e buscando alternativas de (re) construção da parceria que deve existir entre escola e família. O desafio proposto é resgatar fragmentos das experiências passadas, conscientes e “inconscientes” que possam dar vida a este memorial acadêmico e ênfase a minha formação docente, avaliando as transformações percebidas no decorrer dessas experiências. Desse modo, tenho plena certeza dos desafios que estão postos, nessa retrospectiva de vida e experiências espera-se que o leitor sinta-se provocado a refletir suas práticas na perspectiva do sucesso da aprendizagem em turmas de multisséries em contextos ribeirinhos.

Palavras-chave: Memorial. Família. Educação Ribeirinha. Formação Docente.

ABSTRACT

In elaborating the present memorial I took into account the criticism and the academic self-criticism that in line with my life trajectory will have as a segment a chronological sequence with the starting point of my birth, adolescence, highlighting the academic and professional experiences. Intertwined with this timeline, the report of this memorial aims to address the impacts caused by the absence of the family in the school and the factors that lead it to walk in many cases, alone in its proposal of educational work, punctuating facts of the riverside everyday and seeking alternative (re) construction of the partnership that should exist between school and family. The challenge proposed is to rescue fragments of past, conscious and “unconscious” experiences that can give life to this academic memorial and emphasize my teacher education, evaluating the changes that have occurred in the course of these experiences. Thus, I am fully sure of the challenges that are posed, in this retrospective of life and experiences, the reader is expected to feel provoked to reflect their practices in the perspective of the success of learning in multisséries groups in riverside contexts.

Keywords: Memorial. Family. Ribeirinho education. Teaching Course

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
1. Minhas memórias: Início de tudo.	11
Conquistando meu espaço: histórias e vivências da vida escolar	14
Compartilhando minha prática pedagógica e novos olhares no PARFOR.	17
3.1 Reflexões sobre a ludicidade para a prática docente.....	24
3.2. Desenvolvimento dos jogos na prática docente.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Farei do modo de vida ribeirinho, a referência para guiar o leitor pelo rio de águas caudalosas que vem a ser minha história de vida. Deste universo caboclo, análogo a rede de pesca, “pescarei” aqui e ali, fragmentos de memórias da infância, adolescência, destacando as experiências acadêmicas e profissionais, distribuídos ao longo do texto, em cinco tópicos.

O primeiro é dedicado as minhas vivências de infância e adolescência, restritos ao âmbito familiar. No segundo, apresento as conquistas experienciadas na vivencia escolar. Convido o leitor a fazer um reconhecimento do território ribeirinho através dos relatos descritivos presentes no tópico três, que jorrarão como águas caudalosas, na minha prática pedagógica, e, por conseguinte será imprescindível para a busca da formação docente no curso de pedagogia, momento este em que o compartilhar será o mote para a construção de um novo olhar sobre todas as experiências e práticas até então adotadas ao longo da vida.

O “entremeado” da rede do pescador ribeirinho, também atua de forma análoga aos recursos aqui adotados para estabelecer os impactos causados pela ausência da família na escola e os fatores que a levam a caminhar em muitos casos, sozinha em sua proposta de trabalho educacional, pontuando fatos do cotidiano e buscando alternativas de (re) construção da parceria que deve existir entre escola e família.

Sendo assim, Paralelo a isso, tratarei ainda da importância da prática da ludicidade (jogos e brincadeiras) como ferramenta de trabalho no processo de ensino aprendizagem, na qual considero significativos e interessantes para a minha prática docente na educação ribeirinha em turma multisseriada a partir do momento em que ingressei na universidade.

Referencio autores que em suas explanações e concepções que contribuem consideravelmente para que nós educadores possamos a cada dia lapidar a construção do conhecimento respeitando principalmente as vivências e os ritmos de aprendizagem de cada educando

1. Minhas memórias: Início de tudo.

Meu nome é Maria Joana Oliveira de Aquino, nasci no dia 06 de julho no município de Tomé-Açu / PA em 1967, na localidade denominada Sítio Bom Jardim Ribeirinha, na zona rural, sendo filha de agricultores. Meu pai Sebastião de Aquino e minha mãe Maria Oliveira de Aquino que juntos tiveram 12 filhos, sendo que dois faleceram ainda crianças e 10 estão vivos.

Em 1971, nos mudamos para interior de Tomé-Açu para um lugar chamado Quarenta do Tomé-Açu, nesta época contávamos com um total de seis irmãos que juntamente com nossos pais, trabalhavam na colheita de pimenta do reino, plantio muito comum entre os japoneses que vieram se fixar nessa parte do Estado do Pará. Na entre safra colhíamos cacau, cupuaçu, laranja e maracujá até a chegada da próxima safra da pimenta do reino.

Essa vida na lavoura perdurou durante três anos, quando meu pai decidiu que mudaríamos para a vila de Tailândia, mudança esta que trouxe consigo consequências marcantes, pois devido a baixa condição financeira que enfrentávamos na época, meu pai não dava muita importância para a educação dos filhos, que de acordo com a análise de Bock sobre a importância da família no desenvolvimento do indivíduo, sugere que:

“A Família, do ponto de vista do indivíduo e da cultura, é um grupo tão importante que, na sua ausência, dizemos que a criança ou o adolescente precisa de uma família substituta ou devem ser abrigados em uma instituição que cumpra suas funções materna e paterna, isto é, as funções de cuidados para a posterior participação na coletividade”. (Bock, 2004, p.249)

A condição de vida era muito difícil, em virtude do trabalho não havia tempo para se dedicar aos estudos, o sofrimento era muito, até mesmo por não estarmos habituados a enfrentar as dificuldades no lugar em que estávamos. Minha mãe matriculou três filhos, dentre estes, eu tive o privilégio de estudar numa escola localizada na vila Tailândia, no entanto, não freqüentamos devido a imposição do meu pai em alegar que estudar era perda de tempo, se quer podíamos contar com sua ajuda, pois para ele quem optasse em estudar que providenciasse seu próprio sustento.

No início de 1975, meus pais resolveram se mudar para a vila agrícola de Tailândia, onde segundo ele havia melhores condições para nossa família viver. Foi

quando nasceu meu irmão João Aquino, porém as dificuldades continuavam, pois meu pai passou a trabalhar só em extração de madeiras.

No início de 1977, minha mãe revolveu matricular-me numa escolhinha da vila, segundo relato da mesma, quando meu pai soube que os quatro filhos mais velhos iriam estudar, ficou muito aborrecido com ela. Dada as circunstâncias do fato estudamos durante dois dias apenas. Residimos no referido local cerca de seis anos, onde meus pais plantavam pimenta do reino, além de trabalhar na roça com plantio de arroz, feijão, milho, mandioca, banana, entre outros. Em 1978 nasceu mais uma irmã Laudecy Aquino, e a rotina de trabalho na roça continuava.

Embora as circunstâncias dissessem que seria difícil, continuávamos perseverando na luta para sobreviver, e mesmo com tudo isso, em nenhum momento não me recordo do meu pai incentivar que os filhos precisavam estudar, se limitava apenas em trabalhar e mais nada, ele lutava incansavelmente para sustentar a família para que tivéssemos pelo menos a alimentação, para ele o alimento era essencial e que estudar não tinha tanta importância assim e tudo que colhíamos na roça não eram o suficiente, produtos como: banana, arroz, milho, mandioca e feijão. Todos esses itens eram levados pelo meu pai para ser comercializado no centro comercial de Tailândia e assim também, comprar outros alimentos para casa.

No final de 1980 casei, mas continuei morando com meu pai. Vale ressaltar que meu marido também não queria que eu estudasse, pois tinha que cuidar da casa, partilhava da mesma opinião do meu pai, e contrariando a opinião de ambos sempre quis estudar. No ano seguinte nasceu Madalena Aquino, minha primeira filha, seu nascimento me trouxe muitas felicidades, que foi interrompida com a perda irreparável do meu irmão Rodrigo, lembrado com grandes saudades até hoje.

Lembro-me que meu pai tinha um lema que dizia: “não devemos criar raiz em lugar algum”, por isso, mais uma vez, no início de 1982, meu pai resolveu mudar com toda a família para a cidade de Moju.

Esta fase vivenciada em Moju, minha vida tornou-se mais difícil ainda, pois trabalhava para ajudar os meus pais na colheita de pimenta do reino e ainda precisava trabalhar em casa de família para ajudar meu marido a completar a renda familiar.

Em 1983 nasceu meu segundo filho Josuel Aquino, e continuei exercendo as mesmas atividades de rotina alternando na roça e em casa de família.

Novamente meu pai já se manifestava em ir embora de Moju seguindo assim para Abaetetuba. Desta vez, contudo, houve discordância entre cinco filhos, que ao contrário das outras vezes, não se dispuseram acompanhar a decisão de meu pai. Queríamos conquistar nossa autonomia e liberdade, se quer tinha em mente que havia um grande estudioso que alertava para uma pedagogia da autonomia, da libertação, entre tantas, vejamos o que diz Paulo Freire:

“É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências” (1996, p.30)

Almejávamos um futuro melhor, sendo assim, partiram com os meus pais apenas os filhos menores, inclusive minha mãe encontrava-se grávida do meu irmão Antônio Aquino que nascerá já em solo Abaetetubense.

Sempre que falava em estudar meu marido dizia que o estudo não trazia riqueza para ninguém, seu entendimento era limitado, não via ele que o estudo e o conhecimento poderiam nos libertar desse ciclo de vida voltado para o trabalho no campo, de sermos sempre trabalhadores servis, pois não conseguiam enxergar que já estávamos na terceira geração da família Aquino trabalhando na roça.

Algo dentro de mim dizia o contrário, que o estudo era o caminho para sair dessa situação. Mesmo sofrendo ameaças do meu marido, de que se eu saísse pra estudar, era melhor levar a rede, pois se assim fosse, ele não deixaria que eu voltasse pra casa. Não queria que se repetisse com meus filhos o mesmo que aconteceu comigo, com esforço e muita perseverança matriculei meus filhos e decidi em meu coração que não haveria quem viesse atrapalhar na educação deles. Entre todas as lutas que precisei enfrentar para conseguir impor meu pensamento e assim garantir a educação dos meus filhos, precisei enfrentar a maior perda da minha vida até então, quando meu filho Josuel faleceu, deixando em mim um imenso vazio.

A vida precisou continuar e decidi que era hora de realizar meu maior sonho: o de estudar, para tanto, precisei tomar a maior de todas as decisões de minha vida. Mesmo grávida de sete meses, separei-me de meu marido e continuei junto com o apoio dos meus filhos a trabalhar para o sustento da família, porém, deste momento em diante com a certeza de que poderia realizar meu maior sonho de infância.

2. Conquistando meu espaço: histórias e vivências da vida escolar

Quando enfim pude sentar num banco de uma escola estava com 26 anos. Quando desejamos de todo o coração que um sonho se realize, o destino se encarrega de encontrar os meios, diante da decisão tomada, em 1993 bateu em minha porta uma senhora chamada Fátima Nerys, informando que estava precisando de alunos para formar uma turma, e assim poder lecionar a 1ª etapa do supletivo (1ª e 2ª séries) do ensino de fundamental menor na Escola de Ensino Fundamental Lauro Sodré numa turma com 48 (quarenta e oito) alunos entre 25 a 50 anos de idade. Fui apresentada às letras, aprendi a escrever e a ler um pouco para poder fazer duas séries na Escola Lauro Sodré, mesmo com grandes dificuldades por conta do aprendizado tardio, cheguei ao final do ano foi aprovada para a 1ª etapa.

“No círculo de Cultura, enquanto contexto que costumo chamar teórico, esta atitude de sujeito curioso e crítico é o ponto de partida fundamental a começar na alfabetização. O exercício desta atividade crítica, na análise da prática social, da realidade em processo de transformação possibilita aos alfabetizandos, de um lado, aprofundar o ato de conhecimento no pós-alfabetização, de outro, assumir diante de sua quotidianidade uma posição mais curiosa. A posição de quem se indaga constantemente em torno da própria prática, em torno da razão de ser dos fatos em que se acha envolvido ” (Freire, 1989. p.25-26)

Em 1995 matriculei-me na 2ª etapa (3ª e 4ª séries) na escola acima mencionada, neste mesmo ano conheci uma pessoa que começou me ajudar, encontrei enfim um companheiro que me ajudou em todos os sentidos, inclusive me apoiou em meus estudos e deu real valor a realização do meu sonho. Contudo, não consegui terminar o ano letivo, meu irmão veio a falecer e não soube lidar com a perda, ao ponto de ser reprovada. Apenas em 1996 concluí a 3ª etapa (3ª e 4ª séries), o ano letivo foi complicado, sem merenda, algumas vezes nem água tínhamos, no âmbito do aprendizado a escrita era muito mais valorizada do que a leitura, em parte porque não havia livros para os alunos do supletivo. Foi pelo empenho e dedicação da professora Nazaré Souto que conseguimos desenvolver um pouco mais a competência da leitura, doando a cada um dos alunos um livro, de

modo que pudemos desenvolver um pouco mais a leitura e assim alcançar as notas no final ano para a série seguinte 4ª etapa (5ª e 6ª séries).

Além dos estudos, neste período comecei a trabalhar em uma cooperativa que prestava serviços para a empresa AGROPALMA. Conciliar o trabalho e os estudos foi um grande desafio, mas pude contar com a ajuda dos meus filhos e esposo Ladislau Quaresma. Enquanto cumpria uma jornada de trabalho que exigia muito tempo do meu dia, pois saía às três horas da madrugada e retornava para casa apenas quatro horas da tarde, ainda precisava estudar a noite. Em meio a esta jornada intensa de trabalho precisava arrumar tempo para continuar os estudos. Estudava nos momentos que eram possíveis, no ônibus e nos intervalos do serviço. Em casa, minha filha mais velha tornava conta dos irmãos, só assim consegui chegar ao final do ano letivo aprovada para a etapa seguinte.

Em 1999, me matriculei para cursar o magistério na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Ernestina Pereira Maia, com muita dificuldade na coordenação motora, dentre muitas outras, conseqüências advindas de não ter sido alfabetizada na idade certa. Com todos os enfrentamentos, fui aprovada para o 2º ano em 2000. Neste momento da minha vida, Madalena também estava trabalhando junto comigo na cooperativa. O apoio da minha família para a conclusão do 2º ano foi de suma importância para que eu viesse a ser aprovada para o 3º ano e assim concluir o magistério.

Da minha família, eu fui a primeira a concluir o magistério, continuei trabalhando na cooperativa até 2003, quando em 2004 passei a trabalhar em outra empresa, que prestava serviços para AGROPALMA, a João Ricardo Filho empreendimentos, mais conhecida com J. Ricardo Filho. Continuei no mesmo serviço com a coleta de palha do dendê e no viveiro de muda pequena, onde permaneci até 16 de fevereiro de 2007. Quando nasceu minha filha Laura de Aquino Quaresma. Neste período só o Henrique moravam comigo Henrique e a Laura. Madalena e Tatiana nessa altura já estavam casadas e cada uma com seus respectivos filhos. Madalena é formada em História (licenciatura) e trabalha como professora, Henrique tem o Ensino Médio e trabalha na empresa Biovale e Tatiana parou na 8ª série, dedicando-se aos filhos e ao lar.

Trabalhar como professora sempre foi um desejo meu, queria muito poder ajudar as pessoas em situação semelhante as que um dia passei. Fui à procura de vaga, mas era difícil. Assim que conclui o magistério eu fiz o concurso público do

Município e passei com quinze pontos. Perdi as esperanças de ser chamada, pois muitos afirmaram que não chamariam as pessoas que fizeram quinze pontos. Mas, quatro anos depois descobri que as pessoas com a mesma pontuação que a minha estavam trabalhando como efetivo no Município.

Para minha surpresa em 2008, surgiu uma grata oportunidade de lecionar. Mas como tudo em minha vida, não foi um processo fácil. Precisavam de uma professora substituta para ensinar na Comunidade Nossa Senhora de Fátima alto Moju na Escola Municipal de Ensino fundamental Perpétuo Socorro, com uma turma multisseriada. De início encontrei muitas dificuldades, pois nunca havia dado aula, não conhecia ninguém, e ficava a maior parte do tempo sozinha, observando e lembrando como os meus professores trabalhavam na tentativa de encontrar alguma solução para ensinar meus alunos. Em meio a essa situação encontrei uma pessoa que fez a diferença na minha vida, a professora Joana dos Santos Lima uma pessoa atenciosa e dedicada a sua profissão, sempre disposta a ajudar alguém com dificuldade.

Assim, com essa fundamental ajuda, fui conquistando meu espaço entre os alunos e na própria comunidade. Comecei a participar de encontros que eram promovidos pela Secretaria de Educação do Município, que por sua vez se refletiam diretamente no meu desenvolvimento, e, por conseguinte melhorava meu método de ensino com os alunos. Mas sempre tive a real certeza de que precisava melhorar cada vez mais, e para tanto era necessário buscar formações para que viesse me qualificar.

A princípio comecei a participar de atividades correlatas ao meu campo de atuação e que estivessem ao meu alcance. Tratei de fazer minha inscrição no curso de Formação do Programa Escola Ativa, com a coordenadora local, Isabel E. Santos Gordo, junto à Secretaria Municipal de Educação SEMED, SEDUC, em convênio com a minha orientadora de Estudos, Joana dos Santos Lima. Também no mesmo ano, em 2009 me inscrevi no PNAIC (Plano Nacional de Alfabetização na idade certa). Na ânsia de obter mais conhecimento, também fiz outra formação continuada, dessa vez no Programa Escola da Terra, com a temática voltada para as águas e a floresta da Amazônia Paraense com continuidade de Educação, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECAD/MEC), em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará (PROEX/UFPA) com Coordenação Geral do curso de Escola da Terra, Salomão Antonio Mufarrej Hage, e

eu participei de todos os módulos para complementar o ensino e a aprendizagem dos alunos.

O que veio enriquecer ainda mais meu conhecimento no trabalho em sala de aula, e no meu dia a dia, e assim com todas essas formações proporcionaram importantes e profundas mudanças em minha prática docente. Com as trocas de experiências fundamentaram meu fazer pedagógico e alicerçaram o caminho para a busca do ensino superior, de agora em diante minha nova meta a ser alcançada. E que segundo Siqueira Neto,

“Não há mágica que transforme o estado atual da educação em outro de melhor nível senão através do esforço combinado entre saber, querer e fazer. As avaliações devem focalizar que de fato se empenha de modo engajado na melhoria das relações educacionais e tem por meta o progresso de cada aluno, respeitando-o através da dedicação que preza a competência e o sentimento de missão que pretende colaborar na Formação do Futuro cidadão tanto responsável quanto agente de boas realizações sociais de toda ordem”. (2016, p.76)

A próxima etapa que se avizinhava no horizonte era o ensino superior, e mesmo sabendo das minhas limitações não fugi ao desafio. Também vi a necessidade de adquirir mais conhecimento, de ter suporte teórico e referencial para assim interagir com meus alunos.

3. Compartilhando minha prática pedagógica e novos olhares no PARFOR.

Sabedora de minhas limitações e da necessidade de manter constante formação após, quatro anos tentando o curso superior, estimulada pelo ritmo de estudos que vinha realizando fui aprovada no curso de pedagogia no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR, a ser cursado na Universidade Federal em Abaetetuba.

Com a entrada para UFPA a vida mudou completamente em especial no modo de ensinar, e compreender as dificuldades e as necessidades da turma, hoje vejo que é importante proporcionar as crianças diversas maneiras de aprendizado, de modo que elas adquiram novos conhecimentos, favorecendo a auto estima e auxiliando-as em sua criatividade. Através do brincar os alunos se tornam mais

ativos, desenvolvendo capacidades, tais como atenção, afetividade, socialização, concentração e outras habilidades fundamentais para sua identidade e autonomia.

“A brincadeira fornece, pois, ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência, um novo tipo de atitude em relação ao real. Nela aparece a ação na esfera imaginativa numa situação de faz de conta, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos de vida real e das motivações, construindo-se, assim, um mais alto nível de desenvolvimento (OLIVEIRA, 2007)

Durante todo o meu processo de formação acadêmica e de aprendizado como discente da UFPA, aguçou minha concepção e percepção sobre a temática da ausência da família na escola e o quanto essa estrutura familiar é importante para o aprendizado dos alunos. Também enfrentei ao longo dessa jornada, a ausência e a falta de apoio do meu pai o qual sequer permitia que os filhos estudassem. Por esta razão, acrescida da observação em sala de aula dos alunos da multisserie, pude constatar como esse tema é relevante, e tem muito a contribuir no bom desempenho dos alunos. E em relação a ausência da família e da sua importância em relação á criança, o autor considera que,

“Todavia, se a Família coloca-a na escola, mas não a acompanha pode gerar na criança um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento. “Por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar” (MALDONADO, 2002 Apud JARDIM, 2006, p.20)

O objetivo desta pesquisa surgiu da necessidade de questionar a realidade da ausência dos pais na escola. Levando-se em conta um fator intrínseco a esta realidade que é o modo de vida ribeirinha, da concepção vigente de pais que muitas vezes são forçados a escolher entre a educação dos filhos e o trabalho, e por viver numa sociedade que visa o dinheiro, o ter em detrimento do Ser, de crescimento no âmbito da educação, chegamos ao maior e mais absoluto obstáculo para que a criança ribeirinha consiga estudar e ao mesmo tempo, ter ao longo da vida estudantil o apoio da família.

Como futura pedagoga e conhecedora do cotidiano escolar, observei que é necessário construir novos conhecimentos para modificar ou propiciar melhorias na realidade dos ribeirinhos e assim intervir de maneira positiva junto aos pais. Nas raras

oportunidades que tive para conversar com algumas mães que acompanhavam seus filhos, reforçava essa ação de que os filhos precisam da ajuda, suporte e apoio da família para desenvolver habilidades e capacidades.

Outro aspecto a ser priorizado nesta rede de apoio que se inicia na família perpassa pela convivência entre o professor (a) e o aluno (a) tendo como consequência a relação de confiança estabelecida neste processo de ensino aprendizagem. Entendo que o início da autonomia do educando se estabelece nessa condição de carinho e respeito, que fortalecem o sentimento de autoconfiança, autoestima e de base para o próprio crescimento enquanto ser humano.

Mas para que a família possa se aproximar da escola e desse modo possa apoiar seu filho (a) é indispensável que o professor e toda a rede de funcionários que compõem a escola estejam dispostos a favorecer esta aproximação.

Uma das técnicas que utilizei e obtive resultado foi o intercâmbio com a comunidade, que me proporcionou realizar visitas e assim poder estabelecer o contato direto com a família. Sempre que é possível, cabe ao professor empenhar-se para conseguir visitar a família do aluno ao menos uma vez por ano. O aumento das chamadas horas atividades, horas destinadas a atividades na escola, ou fora da sala da aula é uma condição importante para que o professor possa dispor de tempo para visitar a família dos seus alunos.

No contato com a literatura, identifica-se que os pesquisadores expuseram que os sujeitos sociais do campo almejam uma escola, não só profissionalizar a partir de uma formação que não renegue uma cultura para sobrepor outra, e eles possam seguir uma carreira tendo o direito de escolher onde será seu espaço de trabalho, se o campo ou cidade. Antes, porém, precisam de oportunidades de educação com qualidade, com currículo que problematize e não negligencie a realidade e o trabalho. "Urbanizou-se" a educação no campo, mas não com mesmas oportunidades. A estes ofereceram alfabetização de adultos com intenções instrucionais e, as práticas e as ações docentes estão pautadas no pensamento dialético, dinâmico valorizando a realidade cultural do discente visando sempre ações não discriminatórias (Freire, 2003 p. 60).

Entretanto, reconheço que a visita é mais viável nas séries iniciais do ensino fundamental menor, quando o professor (a), geralmente, trabalha com uma turma. Nas turmas multisseriadas, esta dificuldade torna-se maior, pois se trata de alunos com diferentes idades. Uns tem o acompanhamento dos pais, outros, entretanto não tem a mesma sorte, apesar da intervenção orientada pelo professor (a) neste sentido.

Mal podemos contar com a presença dos pais nas reuniões, sendo este outro fator preocupante no tocante à ausência da família na escola.

Na escola multisseriada, normalmente há apenas um professor, que precisa ser servente, fazer e servir a merenda, ser secretário, porteiro, ser um faz tudo. Além da dificuldade de atuar em várias séries ao mesmo tempo, existe a dificuldade extraclasse que é se traduz em cuidar de toda a escola. Essas são as grandes dificuldades que o professor enfrenta. Por que ele não fica só cuidado do plano de aula. Ele pensa no todo da escola, e nas questões em nível de secretaria de educação.

Além das dificuldades relatadas acima, há ainda a necessidade de por um fim na relação de subserviência que vigora entre os professores contratados que estão diretamente vinculados as questões políticas. A cada novo mandato e mudança de gestão, há troca no quadro de professores, ocorrendo conseqüente ruptura no processo de ensino, e no estabelecimento desse vínculo que precisa ser estimulado, como mencionei a pouco.

A participação dos professores ativamente na comunidade onde se situa a escola também é importante para que ele conheça os resultados de seu trabalho e possa orientar as tarefas escolares de acordo com as necessidades e aspirações reais da população local. Muitas vezes a escola permanece isolada da comunidade, quando deveria estar ao seu serviço, atendendo aos pais e a outros moradores da comunidade, como centro de encontros, reuniões, curso e promoções artísticas, culturais, esportivas, etc.

Além dos aspectos relacionados com vários papéis que o professor (a) desempenha junto aos alunos e a comunidade, convém chamar a atenção para a própria realização do professor. Para o sucesso do trabalho educativo, é importante que o professor (a) goste do que faz acredite que está alcançando os resultados esperados e se sinta satisfeito e realizado, é o que sugere Paulo Freire (2003) quando diz que “não se transforma o mundo somente com educação, mas também não se faz sem ela”.

A exemplo do que afirma Paulo Freire, apresento o caso da aluna, identificada como “C”, para efeito de proteger sua integridade apresento o relato que se segue.

Ao iniciar o segundo semestre do ano letivo de 2014, com alguns dias de trabalho pude perceber que a referida aluna vivia triste. Decidi perguntar a ela o que estava acontecendo, porém, a aluna não sentindo-se confortável e segura para

expor a situação, nada respondeu. Dias depois, permanecendo a aluna naquela condição de tristeza, tomei a decisão de ir a casa dela, quando lá cheguei, percebi que ela era muito maltratada pela família. Fui direta e incisiva ao perguntar a mãe de “C” o motivo de sua tristeza constante, e das vezes em que a surpreendi chorando em sala. A justificativa que a mãe deu era que a menina era preguiçosa, que a mesma não gostava de acordar cedo para ir a escola. Ou seja, a mãe atribuiu o estado de tristeza da filha a uma condição externa, vinculada totalmente a escola.

Nesse sentido, Cerisara (2002) diz que a formação do professor de educação infantil não se resolve na simples aquisição de uma graduação. Deve-se levar em conta que a realidade da educação exige um profissional capaz de estimular a construção e apropriação de conhecimentos.

“Responsabilidade de organizar o estar das crianças em instituições educativas que lhes permitam construir sentimentos de respeito, troca, compreensão, alegria, apoio, amor, confiança, solidariedade, entre outros; enfim, que ajudem a acreditar em si mesmas e no seu direito de viver de forma digna e prazerosa” Cerisara (2002, p. 109).

O caso desta aluna foi tão marcante, que não convencida pelo relato da mãe, procurei averiguar através dos relatos de outros alunos, que fossem próximos da família dela, sobre o que eles sabiam sobre aquela situação. O parecer de todos era unânime em afirmar que a criança apanhava muito da mãe e da irmã. Diante daquela situação precisava tomar uma atitude; se não como mãe, como professora de acordo com minha consciência não poderia deixar a aluna continuasse nessa condição. Foram muitas as vezes que presenciei além da tristeza, episódios de desmaios, dores de cabeça e como resposta da mãe para este quadro da criança recebia a resposta da parte de sua mãe, que tudo isso não passava de “manha”. Precisava ajudá-la, não poderia deixar que uma criança tão nova, que estava no jardim sofrer daquele jeito. Sugeri à mãe que a menina passasse as férias comigo, a mesma consentiu. Levei-a ao pediatra, que a encaminhou para outro médico, um neurologista, que solicitou realizar um exame da cabeça. “C” foi diagnosticada com epilepsia. “C”, começou o tratamento com remédio controlado.

Não tomei a providência de relatar o caso da aluna ao conselho tutelar, pois avaliei que estaria dessa forma penalizando mais ainda a criança, pois não seria difícil chegar a conclusão que o quadro de epilepsia se deu em decorrência dos

maus tratos praticados no sei da família. E ao optar pela denúncia, a criança seria entregue aos cuidados do município ou estado para viver abrigada até que aparecesse uma família interessada em adotá-la, sendo assim, tomei a decisão que julguei mais correta a fazer naquele momento, a de adotar a criança, como de fato veio a se realizar.

Certamente nossa atenção nas práticas desenvolvidas pela professora e nas interações em aula, com vistas à construção do conhecimento pelo aluno. A perspectiva que assumimos nesta investigação vem ao encontro do que Aragão (2000: p. 84) afirma:

(...) compreender a relação professor, aluno, conhecimento... Em termos interativos passa a ter sentido-sobremaneira no âmbito do ensino que se prática-principalmente quando se põe em perspectiva a reflexão para rendimensão da ação de ensinar. Compreender a relação professor aluno-conhecimento... Termos interativos... Implica uma reflexão sobre a prática pedagógica do professor e da professora, sua prática efetiva de ensino que gera aprendizagem, em qualquer nível de escolaridade e, sendo assim, tem-se em vista a melhoria da qualidade do processo ensino e aprendizagem em qualquer área do conhecimento ou curso de formação.

Com o pouco conhecimento que tenha na época teve de explicar sobre a Lei da LDB, qual são o direito da família acompanhar a educação seus filhos no período escolar e a participação no cotidiano deles, é fundamental para o desenvolvimento do aluno. Assim me referindo alguns artigos da LDB.

O artigo 12, além dos cinco primeiros incisos, que se referem ao planejamento e racionalização das atividades no interior da escola, traz, em seus incisos VI e VII, determinações que tendem a produzir importantes reflexos sobre a gestão democrática da escola pública, na medida em que estabelecem o dever da escola de levar em conta a família e a comunidade, integrando-as as atividades escolares. Na mesma direção caminha o artigo 13, ao estabelecer a obrigação dos professores de colaborar com essa articulação.

Cada vez mais se afirma a participação da comunidade (especialmente dos pais), não apenas como um direito de controle democrático sobre os serviços do estado, mas também como uma necessidade do próprio empreendimento pedagógico que é levado a efeito na escola, mas que supõe seu enraizamento e continuidade com todo o processo de formação do cidadão que se dá no todo da sociedade.** embora vaga, a determinação contida no inciso VI do art. 12 reconhece

a importância desse aspecto, acenando para o fortalecimento da participação dos usuários na gestão da escola.

Isto pode funcionar como um importante suporte legal para cada vez mais se incrementar medidas tendentes a chamar a comunidade para a escola para participar das decisões a respeito dos seus rumos e da realização de seus propósitos educativos.

A proposição contida no inciso VII do art. 12 com respeito à incumbência dos estabelecimentos de ensino de informar os pais e responsáveis “sobre a execução de sua proposta pedagógica” pode ser muita rica e plena de significados para exercício de uma verdadeira gestão democrática da escola. Na verdade, uma gestão escolar com efetiva participação dos usuários não deveria bastar-se com a comunicação aos pais do andamento de suas atividades, mas já é um avanço significativo em direção a procedimentos que incluam a participação dos usuários (tanto alunos quanto pais e responsáveis) na própria avaliação dos serviços que a escola presta.

Um processo de integração dos pais na tomada de decisões na escola e especialmente na avaliação de suas atividades pode ser benéfico em duplo sentido: em primeiro lugar, porque os pais se colocam como interlocutores importantes diante dos trabalhadores da escola, especialmente dos professores, que passam a ter diante de si, mais concretamente, aqueles a quem devem prestar conta da qualidade de seus serviços; em segundo lugar, porque, assim, os pais podem inteirar-se mais efetivamente dos problemas da escola, tendo mais condições para poder reivindicar do Estado providências e soluções e, dessa forma, exercer plenamente o direito (e dever) de controle democrático do Estado, exigência fundamental de uma democracia social (Bobbio, 1989).

Os aspectos positivos que vieram somar nas minhas experiências e desenvolveram o maior empenho nas minhas práticas docentes, dando a possibilidade em propiciar aos alunos o desempenho das habilidades para terem uma visão mais ampla de sua própria realidade da ausência familiar na escola no seu cotidiano.

3.1 Reflexões sobre a ludicidade para a prática docente

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Perpétuo Socorro está localizada na comunidade “Nossa Senhora de Fátima Alto Moju”, é a instituição na qual eu desempenho minhas atividades profissionais desde 2008 até 2017. A referida escola é composta em sua estrutura física por apenas uma sala de aula, copa e um banheiro. Tendo como público alvo alunos de 04 a 16 anos.

FIGURA 01: Aspecto externo da E. M. E. F. Perpétuo Socorro (ALTO MOJU/PA).



Fonte: Maria Joana Aquino (2016)

Trabalho com uma turma multisseriada, de educação infantil ao Ensino Fundamental menor, no horário da (07h às 11h). As crianças muitas vezes chegam na escola com pouco interesse pelo aprendizado, talvez por conta de alguns problemas encontrados em casa, como a falta de alimentação, entre outros, e com isso elas não obtêm rendimentos escolares satisfatórios, em muitas casas, principalmente no período da manhã, já que os pais muitas vezes estão ocupados em seus afazeres nos cultivos por ser uma escola situada em uma área de predominância de agricultores familiares, não tendo tempo para preparar uma alimentação adequada antes dos alunos virem para a escola, que dispõe de um fornecimento de merenda escolar de maneira irregular.

Diante esses fatores, decidi trabalhar o lúdico em sala de aula como instrumento pedagógico, por perceber a ausência da família na participação da educação dos filhos, o que se faz necessário para poder valorizar o conhecimento do aluno para formar cidadãos e prepará-los para a vivência em uma sociedade desigual, que inicia por tratá-los de maneira não igualitária, a partir do momento em

que, como estudantes do campo, acabam sendo submetidos a situações que podem dificultar sua aprendizagem, como a falta de merenda escolar e as classes multisseriadas, como já citado, além de outros aspectos igualmente importantes.

O lúdico possibilita o estudo da relação da criança com o mundo externo, por sua relevância na formação da personalidade. Por meio de atividades lúdicas, a criança forma conceitos, seleciona idéias, estabelece relações, integra percepções e concepções e, o que é mais importante, vai se socializando. Segundo Vygotsky (1984, p. 134).

No entanto, a brincadeira oferecida à criança deve estar de acordo com o nível de desenvolvimento em que ela se encontra, e desta forma pode-se perceber a importância do papel do professor nesse processo, pois é que assume a responsabilidade o planejar o do lúdico como objeto de aprendizagem. Assim durante a minha formação, compreendi que a ludicidade na educação infantil ribeirinha é uma ferramenta de suma importância que o professor podem utilizar em sala de aula como método de ensino, visto que através desse tema os alunos ribeirinho poderão aprender de forma prazerosa, concreta e mais significativa, dando ênfase a um aprendizado mais qualidade.

O lúdico ainda é de certa forma desassistido pais, professores gestor e mesmo coordenador pedagógico, que as vezes podem interpretar o professor que trabalho o lúdico como um docente tem que ter domínio classe e na atividades.com a minha formação acadêmica trabalho teórico e metodológico, compartilhava dessa opinião, achava que o professor trabalhava com brincadeiras em sala de aula não estava levando a sua tarefa de ensinar a serio, fazendo com as aulas se tornassem bagunçadas.

Utilizar-se da ludicidade é uma decisão tomada por alguns docentes, que se propõem a assumir a responsabilidade para que o ensino-aprendizagem se realize com sucesso, e essa decisão tem como foco alcançar maiores rendimentos em relação ao desenvolvimento do aluno.

No entanto, esta ainda é uma ação desassistida pelos pais e alguns diretores e gestores escolares, uma vez que o lúdico pode ser ainda pouco compreendido pelos mesmos, sendo muitas vezes considerado como falta da família ou do domínio do docente sobre a sala de aula, conforme já discutido anteriormente. Porém, é

necessário que essa visão sobre a ludicidade seja modificada, pois como outros autores destacam, é preciso valorizar a importância do lúdico nas aulas.

Sendo assim, percebemos que o papel da escola e a atualização dos professores em relação ao tema são importantes para o desenvolvimento do aluno, e caberá ao professor apresentar propostas no processo de desenvolvimento, atividade como jogos que irão possibilitar ao aluno analisar, gestos, palavras e sons, podendo valorizar assim toda uma identidade cultural de uma população. Portanto, o professor deverá ser um parceiro na aprendizagem do aluno, levando em conta essa metodologia.

3.2. Desenvolvimento dos jogos na prática docente

Dando continuidade nessa reflexão, a partir do momento em que, durante a minha trajetória acadêmica, percebi a necessidade de trabalhar com o lúdico de forma didática durante as aulas, passei a utilizar alguns jogos educativos, conforme pode ser observado abaixo.

1º Jogo: Troca letras

As finalidades didáticas desse jogo didático, Conforme CEEL. (2009. P.60).

- Conhecer as letras do alfabeto e seus nomes;
- Compreender que as sílabas são formadas por unidades menores;
- Compreender que a cada fonema corresponde uma letra ou um conjunto de letras (dígrafos);
- Compreender que se trocarmos uma transformamos uma palavra em outra palavra;
- Compreender que a ordem em que os fonemas são pronunciados corresponde à ordem em que as letras são registradas no papel, obedecendo, geralmente, ao sentido esquerdo-direito;
- Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças sonoras entre elas;

Nesse jogo, o professor deve ler em voz alta as regras do jogo e, a medida que lê, discute com os alunos sobre como ele funciona. Durante o jogo, caso existam dúvidas quanto às regras o docente pode ler novamente o texto, mostrando aos alunos que é necessário compreendermos e aceitarmos as regras. Esse

procedimento contribui para uma melhor interação entre as crianças para que elas se familiarizem com este gênero textual:

- instruções dos jogos.

Ao iniciar o jogo o professor deve fixar o quadro de pregas em um lugar acessível a todos os alunos, em seguida deve espalhar as fichas de letras e de figuras no birô. A cada troca de letras que um grupo for solicitado a fazer para que uma palavra se transforme em outra o professor deve refletir com o grande grupo sobre o êxito da troca. Caso o grupo não tenha escolhido a letra adequada ele não ganha pontos, e o outro grupo pode tentar realizar a atividade, que cada aluno terá em mãos para formar sílabas. Conforme CEEL. (2009. P. 63), vence o jogo quem acertar a maior quantidade palavras formadas a partir da troca de letras.

A **Figuras 02** mostra a utilização deste jogo didático em minha prática docente na Escola Perpétuo Socorro Alto Mujo.

FIGURA 02: Jogo troca letras



Fonte: Maria Joana Aquino (2016)

Como o jogo é destinado também para alunos que não dominem os princípios do sistema alfabético de escrita, a mediação do professor, ajudando-os a estabelecer as correspondências grafofônicas, pode ser muito importante para que eles avancem em relação aos conhecimentos sobre a escrita. Tal ajuda pode ser dada por meio de dicas e de referências explícitas a outras palavras que iniciem com o mesmo som, como os nomes das crianças. A **Figura 03** mostra a utilização desse recurso didático em minha prática docente em sala de aula.

FIGURA 03: Jogo do bingo da letra inicial



Fonte: Maria Joana Aquino (2016)

REPERTÓRIO DE PALAVRAS DO JOGO:

GATO – PATO – RATO – PANELA – JANELA – CANELA – COLA - BOLA – MOLA - FACA - JACA – MACA – TELA – VELA – SELA - ROLHA - BOLHA – CÃO – MÃO - PÃO - CARRO - JARRO – BARRO – MEIA - VELA - TELA.

Acrescente-se ainda que o brincar juntos reforça os laços afetivos. Todas as crianças gostam de brincar com os/as professores/as, pais, irmãos e avós. A participação do adulto na brincadeira com a criança eleva o nível de interesse, possibilitando a criança fazer descobertas e a viver experiências que tornam brincar mais estimulante e mais rico o aprendizado. Wallon (1986) afirma que:

Brincar de andar, de pular, brincar de subir e descer, de pôr e tirar, de empilhar e derrubar, de fazer e desfazer, de criar e destruir. Educar neste momento é sinônimo de preparar o espaço adequado, o espaço brincado, isto é explorável. Wallon (1986, p 117).

Nesse sentido o lúdico nada mais é que uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento humano, buscando resgatar no aluno o entusiasmo para ler, escrever cientes de que jogar na aula é estar aprendendo por meios de jogos.

Durante minha formação, muitas disciplinas me chamaram a atenção, todas tiveram uma suma importância nessa trajetória acadêmica, no entanto, procurei focar no tema acerca a dificuldade para trazer a família na participação educação dos filhos, com e grande a ausência responsável na ajudar educar aluno. Pois percebi o

quanto minha formação influenciou na minha prática enquanto docente, e a utilização da ludicidade, uma vez que é notório como um meio de aprendizagem prazeroso tem muito a contribuir para a formação do educando.

Constituindo-se em um recurso imprescindível para chamar atenção dos alunos em sala de aula, já que em sua realidade ribeirinha, os mesmos enfrentam várias dificuldades e em alguns casos são obrigados a assumir uma responsabilidade que não condiz com sua faixa etária, obrigando-os a fazer escolhas que virão impactar diretamente na sua vida; entre trabalhar e perpetuar o círculo vicioso de exploração de mão de obra barata, ou estudar e vir a ser um ser crítico, senhor de suas decisões e responsável pelo seu crescimento pessoal, livre das amarras do sistema opressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o presente memorial considero que, ao concluir o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, com habilitação para o ensino de educação infantil e ensino fundamental, posso afirmar com clareza que o educador também é um pesquisador, buscando sempre inovações e soluções para o processo de ensino-aprendizagem, fazendo-se necessário que o professor busque embasamentos teóricos e metodológicos, como parte da essência para o seu fazer pedagógico.

Minha formação em pedagogia pelo PARFOR norteou-me a trabalhar com o tema ausência da família na escola que ainda é um problema comum nas turmas multisseriadas. Muito desse interesse teve origem na minha própria experiência de vida, na qual por motivos de ordem familiar, representado pela total falta de apoio de meu pai; e financeiro, pela condição de precisarmos trabalhar desde muito criança para ajudar na renda da família só vim a ser alfabetizada com 26 anos de idade. Nesse processo de aprendizagem, em que precisei optar pela modalidade de supletivo, muito me marcou a ausência de didáticas e metodologias que viessem tornar o aprendizado prazeroso. Por isso, ao desenvolver metodologias na turma multisseriada em que trabalho, senti a necessidade de realizar o ensino aprendizado ao público infantil ribeirinho métodos que primassem pelo lúdico.

A importância da prática docente está no fato de construir soluções que transformem a sala de aula em um ambiente prazeroso. Nesse sentido está sendo cada vez mais percebida a importância da utilização dos jogos para a formação cognitiva do aluno, visto que tal fato é possível, desde que o aluno esteja inserido na escola, em um ambiente educativo voltado para problematizar essas questões.

As escolas podem estar preparando um ambiente para que o lúdico seja executado, pois trabalhar com brincadeiras e jogos didáticos poderá servir de estímulo para o aluno desenvolver o hábito pela leitura, pela escrita por meio da ludicidade.

Com isso, o lúdico será destacado em minha prática cotidianamente, pois trouxe-me novas possibilidades e facilitou as ações em sala de aula, dando-me suporte para ensinar com prazer e ainda garantindo a interação dos mesmo em sala de aula. Esses aspectos são fundamentais para garantir uma educação de

qualidade, que efetivamente possa buscar trabalhar de maneira dialógica e não impositiva na vivência cotidiana da relação entre educador e educando.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Rosália M. R. **Uma interação Fundamental de ensino e de aprendizagem: Professor, aluno, conhecimento.** In: SCHNETZLER, R. P. e ARAGÃO, R. M. de. **Ensino de ciências: Fundamentos abordagens.** Campinas: R. Vieira Gráfica e Editora Ltda, 2000.
- BOBBIO, Norberto. **O Futuro da democracia: uma defesa das regras do jogo.** 4. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- BOCK, Ana Maria Bahia, “**Uma introdução ao estudo da psicologia**”, 2004.
- CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional.** São Paulo: Cortez, 2002. (coleção educação contemporânea).
- FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire.** – São Paulo. Autores Associados: Cortez, 1989.
- _____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á pratica educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- _____, Paulo, **Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido.**Paz e Terra. São Paulo, 2003.
- JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem.** Presidente Prudente. Unoeste, 2006.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez 2007.
- PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- SIQUEIRA NETO, Armando Correa de. **A educação sob o olhar docente.** Mogi Mirim – São Paulo: 2016.
- WALLOW, Henri. **Origem do caráter na criança.** São Paulo: Ed. Ática, 1986.